

*O Tempo, a Memória e a Arte*¹

Manuel Joaquim Moreira da ROCHA

Sumário:

Heranças culturais e científicas no processo criativo do artista. Pesquisa, acumulação de saber e o papel da História da Arte. Memória como repositório códigos estéticos e Tempo como aferidor do “valor” da produção. Signo e significante da história da arquitetura. Condicionantes da intervenção no Património Artístico construído. Referencial cultural e nível estético do objeto no contexto da produção coeva, tendo em linha de conta o tempo e o lugar. Tensões e diálogos entre materialidade e imaterialidade da obra de arte.

Palavras chave:

Criação, acumulação, tempo, lugar, cultura. Tempo e obra de arte.”

Abstract:

Cultural and scientific legacies in the artist's creative process. Research, accumulation of knowledge and the role of History of Art. Memory as a repository of aesthetic codes and Time as a gauge of the “value” of production. Sign and signifier of the history of architecture. Limitations to intervention in built Artistic Heritage. Cultural referential and aesthetic level of an object in the context of its coeval production, bearing in mind time and place. Tensions and dialogues between materiality and immateriality of the work of art.

Keywords:

Creation, accumulation, time, place, culture. Time and work of art.

¹ Este tema e trabalho resultou de um desafio/convite lançado por Hugo Soares, membro da Coordenação da Revista Trama, para publicar no primeiro número do referido periódico. Por razões de agenda foi impossível cumprir o compromisso atempadamente

A memória na Arte e a memória no acto criativo

A viagem da arte começa no entendimento que o criador possuiu do seu tempo e que vai materializando através da invenção de formas, espaços e expressões visuais que concretizam a sua busca de mais além (infinito/transcendência) numa sede inesgotável de comunicação em tempo real, com os presentes. O artista cria e recria, visualmente, pensamento, ideologia, religião e dogmas, em suma, cultura. Responde, pelas construções artísticas, visuais e materiais, às procuras do seu tempo.

Na natureza, denominada Terra, no mundo dos oceanos, dos rios, das montanhas e florestas, dos estados e das nações, vive e convive, um complexo ecossistema, no qual, parece, o Homem se afirma, e vai afirmando, como o elo mais forte desse universo. Desde os tempos mais recuados da Pré-História até à actualidade, sempre o ADN que classifica a espécie Homem, se impôs sobre as demais espécies pela sua capacidade inventiva/reflexiva, analítica e criativa, de, com o recurso técnico e tecnológico, concretizar a luta pela sobrevivência.

Darwin enunciou, alicerçado na racionalidade/positivismo que caracterizou o século XIX, a lei dos mais fortes como força vital para a sobrevivência das espécies. Mas, do princípio de predador, tal como as demais espécies, o Homem evoluiu para a de construtor e inventor. Construiu comunidades paritárias para, em conjunto, em equipa, suplantando e sobreviver no seu presente. Construiu cidades que permanecem pela reconstrução, reinvenção e vivência, onde se plasmam sedimentos dessa linha evolutiva, ou que são redescobertas pela tecnologia e pelo conhecimento, hoje, sem dúvida, mais evoluído e com novos recursos que não eram conhecidos e dominados no ontem. Numas e noutras prevalecem as formas: ruas, praças e casas. E acima de tudo o homem que se identifica com essas construções dos espaços públicos, privados, religiosos ou institucionais.

Inventou a roda, descobriu e usou até ao limite a força da energia atômica. Criou códigos reconhecidos pela diversidade das comunidades humanas. Estabeleceu diálogos com comunidades diversas, e as normas, os limites – que mais não eram que patamares do desenvolvimento e do conhecimento - surgiram: para a ciência, para a matemática, para a física ou para a medicina. E, em prol desses limites, continuou e continua a percorrer caminho, na expectativa do futuro. Como? Pelo conhecimento do passado (História/Memória) que se torna alicerce para o delinear e projectar do caminho da Humanidade.

É curioso olhar para trás e constatar que para além da sobrevivência fundamentada no conhecimento tecnológico, se encontra no homem, invariável e transversalmente, uma sede de dialogar com o presente/futuro com os mais diversos discursos: as imagens, a literatura, a poética, o pensamento/reflexão, a pesquisa e a materialização dessa pesquisa em proveito do homem social.

Anteontem as pinturas nas cavernas, ontem os desafios materializados tanto pela arquitectura como pela pintura ou escultura. Ou o texto com gravura ou iluminura. Hoje, por todas essas formas, às quais se acrescenta a fotografia, o cinema (e outras expressões comunicativas que não cabe agora referir). Onde reside essa força, essa vontade expressa de dialogar com o presente, apontando um caminho? Na certeza que

1+1 é igual a dois – ciência pura e dura. Mas o que faz o homem continuar? O sonho, como dizia António Gedeão, ou a transcendência. O acreditar. O querer. Mas será que todos os actos criativos podem ser considerados Arte? Artístico, sim; Arte, com que passado e com que presente? Que construções criativas se fazem hoje que podem ser integradas no Museu Global da História da Arte? Uma questão de Tempo.

Que legado se quer erigir hoje para doar aos nossos filhos? Que tipo de Património queremos e devemos preservar e construir, para legar? Uma Terra seca e bruta, antevista já no cinema dos anos 90, ou um acreditar que a felicidade do homem reside na já enunciada *Carta do Direitos Humanos do século XVIII*?

E se isto não basta, para que serviu António Vieira, Fernando Pessoa ou Saramago? Ou, lembrando alguns produtores de imagens, André Gonçalves, António de Oliveira Bernardes, Vieira Portuense, Nicolau Nasoni, João de Castilho, ou Rafael Bordalo Pinheiro? Entre tantos outros... Sonhadores.

Há dois mundos na balança: na Idade Média era a dialéctica entre o bem e o mal; na Época Moderna o debate entre cientismo e Deus; no mundo Contemporâneo a desconstrução das estruturas multisseculares, e o delineamento de um novo presente/futuro que se fundamenta na Ciência?

Homem – Humanidade. Século XX.

O século da assunção das individualidades, narradas em páginas que a História Universal escreve, tanto no lado mais negativo, como positivo. Neste, que é o queremos destacar, basta lembrar Dalai Lama, João XXIII, Madre Teresa de Calcutá, ou o cidadão anónimo que na sua aparente passividade, vive o tempo entre a realidade e a transcendência.

Por realidade entendemos RAZÃO; por transcendência entendemos ESPÍRITO.

Apenas a arte contemporânea pode ser valorizada, intrinsecamente, pela sua qualidade estética. Porém, mesmo a arte de vanguarda actual, tem um cadinho de maturação. A memória. E mais, da produção artística da contemporaneidade, só uma pequena fatia ultrapassa o tempo real do hoje e constituirá a memória do amanhã: o campo privilegiado da História da Arte.

Memória, do latim *monere*, significa lembrar/recordar. Li, algures, que esquecer os mortos é matá-los. O que, transposto para o campo do conhecimento, significa que apagar o passado é viver alienado na antevisão do imaginário futuro. É romper com os alicerces que formam e vão formando a individualidade de cada ser humano. É não entender o presente – colectivo, individual e comunitário.

Tanto o acto criativo como o inventivo, em cada presente, radicou, radica e radicará num caminho que, só terá validade, se o passado for entendido e absorvido na memória, e pela memória, individual e colectiva. E o futuro constrói-se com o presente que conhece o ontem, a História. Já se pensou como seriam possíveis as profundas descobertas de Einstein sem o conhecimento de Marie Curie? E a microbiologia sem as pesquisas e estudos promovidos por Pasteur? E como teríamos chegado aos dias de hoje da comunicação virtual, sem as descobertas de Marconi? Passando para o campo das artes, o que seria Leonardo sem o caminho desbravado por Piero Della Francesca, ou por Masaccio? Que obra teria produzido Miguel Ângelo se não estivesse sintonizado

com a cultura do seu tempo: as questões religiosas que envolviam o *status quo* da vivência papal e eclesiástica, as questões dogmáticas e/ou de fé, as questões culturais, populares ou eruditas, políticas ou ideológicas, propagandeadas por Erasmo, Lutero ou Tomás Moro; e posteriormente, Camões, Francisco de Holanda ou Shakespeare. O que seria a arte moderna e contemporânea sem a observação/estudo das descobertas arqueológicas dos objectos artísticos do mundo romano? E o coleccionismo, que emergiu no séc. XVI até se tornar panaceia em final do séc. XX? O que seria a Europa Contemporânea sem o percurso trilhado por Portugal, na Epopeia denominada de “Descobrimentos”? E sem os Painéis de S. Vicente de Fora, ou sem os Jerónimos? E que lugar caberia hoje ao inter-culturalismo e ao debate Norte-Sul? Há Europa e há África?

E poderíamos continuar a recuar, tal como o podemos fazer na nossa tabela da aprendizagem: gatinhar, caminhar, falar, e correr; aprender o a e i o u, soletrar... interrogar e procurar resposta. É a cadeia da Humanidade no trilho do conhecimento. É um processo da memória e na memória. No conhecimento do passado e na construção no presente de um amanhã que se aguarda com esperança.

Passando para o mundo português contemporâneo e criativo, como seria a produção e o reconhecimento internacional de Siza Vieira ou Souto Moura sem o percurso gizado por Corbusier ou pela Escola de Arquitectura da Universidade do Porto?

A este enfoque chama-se conhecimento positivo e valorativo, do passado no presente, trilhando os passos para o futuro. É aqui que reside a acção da memória – entender e compreender o passado - o ontem – assimilá-lo pela inteligência (racional e emotiva/afectiva), como demonstrou Damásio destronando o pensamento puramente cartesiano que norteou o conhecimento da Cultura Ocidental desde o séc. XVII ao final do séc. XX. É com ensaios e tentativas que se vai edificando um mundo onde valha a pena viver. Hoje a derrota de um sistema; amanhã novo horizonte se vivencia. Como? Pelo sonho/utopia, pelo acreditar e pela esperança.

Aos criadores/artistas (e aqui englobamos todos os criadores/inventores/pensadores, sonhadores que concretizam projectos) compete uma missão maior: ao lado do reconhecimento evolutivo da produção artística, engajada na cultura e na ciência/tecnologia de cada tempo, têm que apresentar visões (criações inovadoras) que na sua acção inventiva individual, ou de equipa, concorram e avancem o tempo presente na projecção do futuro. Outros, os artistas ou criadores ou os investigadores, de segunda linha, confirmam as vanguardas demonstradas anteriormente.

O que são as “indústrias criativas” propagandeadas nesta década, sem o conhecimento Histórico da Festa, da Arte e do Efémero? Qual o alicerce? Um voo sem memória, sem o conhecimento de como se desenrolavam os casamentos régios no passado. Ou das embaixadas de Portugal junto da Santa Sé? Lembro a embaixada do Marquês de Fontes na segunda década do século XVIII. E Carlos Gimac, que, além de escrever o evento que ficou como testemunho para a posteridade, delineou os coches, com um programa que faz a ligação entre a cultura clássica e a portuguesa.

Em cada tempo, em cada ciclo histórico, há apenas alguns criadores. Para conseguir esse prodígio da arte portuguesa do século XVIII, Carlos Gimac, leu Camões, António Vieira, como narrativas da história portuguesa. E hoje os coches permanecem

como objectos do melhor que Portugal produziu na arte da madeira, do entalhe e da materialização em formas, de mitos escritos por Camões, a que tão bem Gimac soube dar forma..

A projecção criativa de vanguarda não é conseguida sem que cada criador se aliene do seu tempo, depois de o ter vivido e sentido plenamente. Conhecendo-o: presente e passado. E mais, por muito desenvolvido que seja o conhecimento científico/tecnológico, ou artístico, alcançado por um indivíduo, ou equipa de trabalho ou pesquisa, sem que este perceba a sua herança cultural – material, imaterial e transcendente – o entendimento do homem será sempre fragmentário. Nada. Sem ontem, sem hoje, sem amanhã. O homem “machine”. O homem do show. O cenário. E onde está o conteúdo da encenação que promove a valorização do homem total na dinâmica incondicional da marcha do Tempo? Na X SEMANA DE HISTÓRIA DA ARTE DA FLUP, cujo tema foi “Os anos 70”, recriou-se, e viveu-se, cientificamente, na actualidade, o ambiente cultural/histórico daquela década. Que conhecimento possui a geração de hoje do ideário utópico do Portugal emancipado? E do pragmatismo (idealismo) do antes “Revolução dos cravos”? Que cores, que formas, que símbolos e conteúdos foram absorvidos e transmitidos para o futuro pela arte? Quem os quer conhecer? Será que todos já nascem esclarecidos e conhecedores das verdades experimentadas?

Conhecimento: interrogação, pesquisa, experiência e criação.

Construção: demonstração, aplicação e promoção do conhecimento. Pensar para criar, o acto mais difícil do homem.

A Arte na História constitui um legado visual e dinâmico demonstrativo da evolução dos sistemas culturais. Uma fonte de conhecimento do passado, do presente e da projecção para o futuro. O artista/criador não pode esbater a sua memória individual, nem as suas convicções, na vivência do presente. Recordo, neste momento, o trabalho de Paula Rêgo ou de Graça Morais, artistas que transportam para a sua comunicação/diálogo com o presente, um imaginário moldado pela latitude cultural em que nasceram, experimentaram e viveram, e a essa vivência dão forma pelas imagens que criam. Em cada uma delas sempre presente o legado formativo e informativo que receberam – o papel da memória – e o acto de comunicar/dialogar com o tempo actual, recriando sonhos, reinterpretando mitos e culturas, através da imagem, ou do pensamento descodificado em formas. Recordo igualmente Manuela Tojal, uma criadora do traje, cuja base de produção residia no Oriente e na Europa dos anos 20. Para tanto, lia, estudava, viajava, documentava-se, para produzir criativamente no presente. No campo da pintura da geração actual, saliento o trabalho de Luís Melo, formado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Um criador que se movimenta entre os desafios e ensaios de inter-acções técnicas, e em cuja obra/produção se lê o seu imaginário/cultura e uma procura incessante de comunicar no hoje, pela imagem, a sua projecção para o futuro. E para finalizar, lembro o emblemático cineasta centenário português Manoel de Oliveira. Quem já tentou aprender a conhecer Portugal através do seu discurso criativo? Fotografia, ambiente, cor, palavra e som.

Pensar no eu é sempre uma viagem pelo passado, sobre os registos que nos formaram até ao momento actual, pelos códigos que nos foram transmitidos por outros

que começaram a viver antes de nós. É revisitar, racional e emotivamente, vivências, sensações e imagens, que estão gravadas no mais profundo do nosso “disco duro”, e que timbrando a personalidade individual, se projectam no social. Segundo Roger Chartier, a cultura, como um todo, analisada à escala regional, nacional, continental ou mundial, é formada pelas práticas e representações². A arte materializa a cultura, o conhecimento e a ciência. Plasma em imagens, formas e espaços, os códigos criativos e interpretativos do presente. Procura.

Arquitectura ideia

Definição de Arquitectura – a arquitectura é o cenário de representação da nossa vida. É a Universidade, é o teatro, é o mercado, é o campo de futebol, é a praça, é o jardim, é a casa da música, é a igreja, a biblioteca, é o escritório, é a nossa casa - aquele lugar mágico que é a nossa segunda pele.

A ideia de arquitectura é expressa por Lamas ao afirmar que o contributo desta “coloca-se a diferentes níveis – do interior dum café, às grandes composições urbanas – sendo por isso mesmo de difícil delimitação. A arquitectura aparece na mais simples habitação rural, na alameda de árvores alinhadas, nas grandes infra-estruturas ou em todos os factos construídos, quando as necessidades espaciais do homem interpretam o sítio e procuram a Harmonia ou a intenção estética”³

Pode dizer-se que a arquitectura é o produto resultante do somatório de componentes materiais e imateriais. A sua origem é imaterial – é a ideia que o arquitecto desenvolve sobre o objecto a criar. Antes de ser arquitectura é uma imagem que ganha forma na mente do criador.

Depois da concepção vem a concretização da ideia, com os materiais mais variados, desde os mais tradicionais – pedra e madeira – aos mais revolucionários como as chapas de titânio utilizadas no Museu de Guggenheim em Bilbao. E aquilo que era ideia ganhou forma.

Saber olhar o património construído

A compreensão da arquitectura não se resume a uma análise da sua planta, dos seus alçados, e dos seus muros. É necessário também, tentar atingir a ideia a partir da qual o criador desenvolve a sustentação da sua proposta. Analisar o tangível, o material, as formas, o objecto, mas também o imaterial: cultural e “genial”.

“Quatro fachadas de uma casa, de uma igreja ou de um palácio, por mais belas que sejam, constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a jóia arquitectónica. A caixa pode ser artisticamente trabalhada, ousadamente esculpida, decorada a gosto, pode constituir uma obra-prima, mas continua a ser um invólucro”.⁴ Arquitectura é espaço. Surge o espaço quando o homem delimita parcelas no ambiente natural. Delimita assim espaços para viver, onde o conforto se alia ao bem-estar. Outras vezes, por arrojo inventivo e tecnológico, suplanta-se a si próprio, criando cenários que serão

² CHARTIER, Roger – A história cultural – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

³ LAMAS, José M. – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993, p 22.

⁴ ZEVI, Bruno – *Saber Ver a Arquitectura*. Lisboa: Dinalivros, 1989, p. 20.

referenciais na posteridade. Recordo, por exemplo a cúpula de Brunelleschi, em Santa Maria del Fiore, ou o Instituto do Mundo Árabe em Paris, de Jean Nouvel. O uso, nas suas fachadas, de células fotoelétricas provoca uma alteração da imagem do edifício de acordo com a incidência da luz.

Entre nós podemos também apontar a Pala de Sisa Vieira no Parque Expo 98, a Torre dos Clérigos no Porto, a Casa da Música, etc. Projectos que marcam tempos e espaços.

E criar não é um acto fácil

Qualquer ideia primogénita está carregada de pensamento e cultura da sua época.

É essa cultura que se revê no objecto criado, que faz dele o fruto de um tempo e espaço bem concretos, respondendo às necessidades singulares de cada tempo histórico. Quando em 1704 as monjas de Arouca resolvem construir nova Igreja, procuraram deliberadamente o melhor arquitecto do Reino. Houve uma intenção óbvia de produzir um objecto inovador.

Escolhem e procuram, para dar resposta às suas necessidades de vivência, um criador conceituado.

Construíram no seu presente um legado que teria futuro pela qualidade estética que o projecto imana. A esse projecto – igreja e coro monástico – está associada a genialidade criadora de Carlos Gimac, formada no cadinho da cultura artística romana do século XVII, a necessidade das religiosas elitistas que usufruíram da construção e que determinaram, de antemão, a escolha de um artista de créditos confirmados, erigindo um conjunto que marca ainda, pela qualidade, a história da arquitectura portuguesa.

Tempo, história e valor artístico

Para que uma edificação seja considerada arte tem de responder a dois requisitos – ter qualidade estética e significado histórico, isto é, a produção do objecto localiza-se num tempo e espaço bem concretos.

Deste tempo bebe as formas, os vocabulários, as técnicas construtivas; dá resposta às necessidades dos seus fruidores/utilizadores e ultrapassando esse nível, outra no campo da poética do espaço, da criatividade.

Em todo o processo da edificação está presente essa dupla abordagem: como realidade objectual - o objecto propriamente dito - e como somatório espiritual, do arquitecto e dos encomendantes.

A análise da obra prevê três tempos:

o tempo da criação – as formas utilizadas traduzem conhecimentos técnicos e estéticos epocais, e compõem o vocabulário expressivo do artista;

o tempo da fruição e da vivência – que se espraia num tempo transgeracional;

por último, a apropriação que o investigador faz desses objectos do passado, quando os estuda.

Estuda-se um objecto com o olhar possível de cada tempo. Quando o investigador se aproxima do objecto vai informado com a cultura do hoje. Estuda-se o ontem sempre a partir do hoje, abrindo o investigador a janela do tempo, e resgatando do passado esses legados materiais e imateriais que a arquitectura guarda, para de seguida lhe

atribuir significação e valor como objecto de arte. Tal como na arquitectura, o mesmo se passa na outras artes.

Ser ou não objecto de arte, resulta, em última análise, da classificação do investigador, depois de devida e profundamente auscultados os três tempos do objecto.

Entre passado e presente estabelece-se um vínculo. Estuda-se aquele com o conhecimento deste. E para a definição do que é ou não arte do passado conta muito a auscultação da experiência criadora que o objecto arrasta até ao presente.

Assim, ao estudar-se e ao investigar-se o Património Arquitectónico, actualizam-se as experiências estéticas, podendo por esta via adquirir o valor de objecto artístico. Aquele que faz parte do Museu Global da História da Arte.

Mas, como salienta Cesare Brandi, para que possa receber essa classificação tem que ser um produto da espiritualidade humana, tem que resultar de actos criativos.

Uns mais que outros traduzem arrojo e inovação na concepção. Naturalmente que estes, podem ser considerados cabeça de série, e como tal, obra de arte maior.

E assim, a arquitectura produz espaços, reflexos de um programa de necessidades funcionais a ter em conta, reflexos de um repertório estético vigente em determinada época, reflexos da cultura específica da sociedade: componentes imateriais solidificados através dos materiais de construção.

Sobre a matéria vão sendo depositadas as marcas do tempo. Surgem novos programas de necessidade, mudam os gostos estéticos, avança a tecnologia. A arquitectura que sobrevive ao tempo, essa, vai sendo cada vez mais enriquecida com valores imateriais. As edificações do passado ganham *status de referenciais da imagem de um lugar, passam a ser significativas para a cultura de uma sociedade, são representantes do tempo construído através da intervenção do homem. Enfim, torna-se um património. A patina que o tempo deposita sobre a arquitectura faz com que cada edifício seja único, pois assim como os homens, cada um tem a sua própria história.*

Intervir hoje nos legados/Memória do passado. Como?

Só reconhecendo e oferindo o valor artístico do objecto se pode definir a política de intervenção, pois é esse valor que deve condicionar a intervenção no presente.

Para intervir no presente sobre um objecto, o arquitecto deve dominar amplamente o referencial artístico desse objecto, para a partir daí definir o alcance da sua intervenção. O arquitecto não pode negar ou olvidar a qualidade estética original se é que ela existe.

Não queremos com isto dizer que os objectos do passado são intocáveis, e que todos os testemunhos arquitectónicos tenham o mesmo valor.

Intervir no Património arquitectónico. Como?

Primeiro resgatando o valor que aquele objecto tivera no passado. Como? Através da investigação científica sobre o passado do Objecto, para lhe reconstituir a sua biografia.

Surge o hoje como o tempo da investigação. E lentamente com o recurso da investigação, com o retirar dos arquivos informações perdidas, vai-se reconstituindo a vida que teve aquele espaço como cenário.

Mergulhar nas fontes primárias – nos ditos documentos – e ancorados pela cultura artística epocal, vai-se definindo o seu significado enquanto arte.

Depois, ter em conta que aquele objecto perdurou no tempo. Funcionou como cenário de representação de vida. Como tal o seu capital simbólico, a imaterialidade que encerra pelo desfile geracional não pode ser apagada. O Homem conferiu-lhe uma patina de humanismo que compete ao investigador apurar. É o tempo da História do Objecto arquitectónico.

E o nosso olhar sobre aquele objecto patrimonial vai-se tornando mais apurado, e o valor como arte cada vez mais esclarecido e reconhecido.

Dominando estas lições fornecidas pelo próprio monumento, é então chegado o momento do arquitecto intervir no património construído, preservando esse legado para o futuro. Sem se vergar ao passado, ao ontem, o arquitecto deve intervir na dimensão que lhe é imposta pelo valor artístico do objecto.

Não é fácil a tarefa para o arquitecto que intervém no património construído. A sua intervenção tem que resultar de um equilíbrio entre valores, dos referenciais do passado, classificados como obras de arte, à criatividade que quer impor na nova intervenção. Intervenção que só é justificada pela necessidade emergente de fazer sobreviver o objecto arquitectónico no tempo presente e para o futuro.

É colocar-se numa fronteira limite entre o ontem e o hoje, entre o facto arquitectónico como resultado de um processo criador, e fruído num tempo mais ou menos longo, e a necessidade de criar e definir a sua própria linguagem. Os diálogos devem, obrigatoriamente, ser de harmonia na conciliação de tempos tão diferentes como o ontem e o hoje.

É um desafio, que em caso extremo pode levar o arquitecto, o bom arquitecto, a aparentemente anular a sua criatividade, para deixar vir ao de cima potencialidades encerradas no velho monumento. Só o bom criador é capaz de compreender o silêncio das pedras e resgatar a sua identidade.

E afinal o que é isto de identidade do património arquitectónico? É a conjugação feliz da cultura que o objecto encerra e de que é símbolo, com a beleza que o espaço transmite, composta pela harmonia e equilíbrio do todo que o compõe.

Criar hoje sempre com o alicerce do passado e projectando o futuro. O artístico poderá ou não ser arte amanhã.

Bibliografia

- ALMEIDA, Bernardo Pinto de – O Plano da Imagem. Lisboa: Mário e Alvim, 1996.
- BACHELARD, Gaston – A Poética do Espaço. S. Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRANDI, Cesare – Teoria de la Restauración. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- CHARTIER, Roger – A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.
- DIAZ-SAAVEDRA, José A. Sosa – Contextualismo y Abstracción. Gobierno de Canarias: 1995.
- LAMAS, José M. – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice – Fenomenologia da Percepção. S. Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLAU-PONTY, M. – O Visível e o Invisível. S. Paulo: Perspectiva, 2005
- PODRO, Michael – Los historiadores del arte críticos. Madrid, 2001
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – Das Construções e das Reconstruções. A Memória de um Mosteiro (séc. XVII-XX). Porto: Edição de Autor, 2003.
- ZEVI, Bruno – Saber Ver a Arquitectura. S. Paulo: Dinalivros, 1989